

---

---

# **LUIS SERGUILHA, KALAHARI E A ESCRITA DO GRITO\***

---

---

**Lucas Guimaraens\*\***

**L**uis Serguilha é poeta da apresentação, o inverso da representação trivial de (quase) toda a poesia moderna e contemporânea. Ele nos apresenta um universo ao mesmo tempo preexistente e em recriação constante. Vertigem. Parece-me que, para criar seu edifício, ele se atém a um jogo de linguagem que é só seu e, para que seja inteligível, ele o constrói a partir de outros sistemas de linguagem, apropriando-se de enunciados e vocabulários (por vezes banais, por vezes complexos ou técnicos) em um processo de descontextualização de significados. Na arte tudo é possível: a “necessidade de nominar”, expressão tão cara a Michel Foucault, ainda que presente em qualquer escrita, parece-me, no caso de Serguilha, sofrer menos deste complexo. Ao contrário de nos obrigar a fixar a atenção em um aspecto específico de uma palavra ou frase em detrimento de seu conjunto, cada oração ou verso nos leva a uma espécie de leitura transversal holística da obra. É como se outros matizes fossem criados.

Serguilha possui uma escrita que prescinde de uma concentração e uma dinâmica de pensamento fractal, holográfico, multilinhas, multi-universos. Algo certo quando se trata das grandes obras de ruptura.

---

\* Recebido em 16.09.2014. Aprovado em: 30.09.2014.

\*\* É Poeta, Ensaísta e mestre em filosofia pela Universidade Paris 8. Trabalhou como intérprete, tradutor e parecerista no CCFD (Comitê contra a Fome e pelo Desenvolvimento sustentável), órgão criado pela ONU. Embaixador do Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix (ONU/UNESCO) e desenvolve acordos internacionais na área de cultura e educação como assistente da cátedra do Professor Doutor Jacques Poulain em Multiculturalismo e Filosofia das Instituições da UNESCO. Em 2014, Lucas Guimaraens lança, em Paris (editora L’Harmattan), o livro de filosofia Michel Foucault et La Dignité Humaine.

Apesar de sua obra atrair para si o gosto de uma acuidade intelectual e de uma dinâmica de pensamento desenvolvida, a leitura é uma experiência de delírio e fluidez. Ao final de cada mergulho, mesmo sem febre, a febre há de chegar. Serguilha é poeta e sabe sê-lo (e sabe que o é). O desavisado o leria como um estranho livro dissertativo. Não é. Ainda que o verso escandido seja, historicamente, o meio privilegiado da poesia, hoje ele é apenas uma das linhas no horizonte.

A poesia em prosa (não confundir com prosa poética), no entanto, também não é novidade, como não o é também o uso do termo, hoje em moda, virtualmente, já profetizado por Dante Alighieri em sua *A Divina Comédia*. Como diz o poeta-filósofo francês Bruno Cany sobre estes embates verso/prosa, “*briser une phrase, c’est encore phraser*” (quebrar uma frase, ainda assim é frasear). A lista da origem dos poemas em prosa é longa, a começar pelos pequenos poemas em prosa (Reverdy e Jacob), os poemas em prosa (Bertrand e Baudelaire) e os grandes poemas em prosa (Michaux e Ponge). Tenho a impressão que Serguilha altera estas separações pedagógicas. Inclassificável ou, melhor, de múltiplas classificações.

Pouco importa, no final. O relevante é que ele é poeta visionário e visual e, talvez por isto, tenha também escolhido a forma informe de seus versos. Seu espaço poético se insere em uma dinâmica do trabalho da visão: sua imaginação é prosaica, ou seja, visual. Luís Serguilha é o grito, não o verbo. Verbo é fundamento de criação metafísica (lato sensu). Grito é a deformação do verbo, recriação. Em Serguilha, nenhuma montanha é imóvel.

Em seu último livro, *Kalahari*, a terra é movente e o jogo de dados encontra-se ancorado na visibilidade do invisível:

*ecos a transferirem-se nos intervalos da reflexividade\_\_\_\_\_ dispersão  
óptica-ondulatória tensionada pela velocidade angular da chupadoura-mi-  
neralóide (costelas pronunciadas marca a época seca, as agulhas molecula-  
res da orfandade rompem os museus dos ofícios-assassinos).*

Seria um braço de mar findo no infinito?

Labor dos afazeres sem poesia?

Crianças mortas de Portinari?

Ou o agreste pesado das desesperanças?

Uma loba de pedra a espreitar a intangível paisagem dos não-dizeres, um arco e flecha da Cabala empunhada a atingir desapareceres?

LOBA-LOBA: mosaico viandante a eclodir nos estandartes dos corpos de oscilações ininterruptas\_\_\_\_\_ contínuo real-nupcial: prodigiosa destruição sem fronteiras e as translações dos uivos perfuram os arquipélagos do nada: destruir com os arco-íris das superfícies a interioridade do tempo (dissimulado rinoceronte das vigílias): genuína absorção das topologias do olhar sobre a terra: extenuadas esporas

da concupiscência: um e outro, um no outro, um sem outro e o achar-se em nenhum lugar formam o abismo caleidoscópico e as geografias obscuras transformam-se em golfos de espanto (a coruja enlouqueceu na carne dos artistas)

Gênese ou apocalipse  
Sexo ou morte  
Sêmen jogado no rio  
Tratores a destruir pela beleza  
Liberdade.

A Loba é a figura-livre

Loba que mata Hesse e seu lobo de psicanálises ultrapassadas. *Kalahari* é novidade. Serguilha é novidade.

Já não há estepe nem salvação, auto-geração-de-escrita. Cada enunciado, uma forma de vida no gesso da lua de celuloide. Sua escrita, sempre, leva ao grito. Antes dele, ao estreitamento muscular. Fadiga de ser como era antes. Metamorfose.

#### Referências

BOUVERESSE, Jacques. *Philosophie, mythologie et pseudo-science: Wittgenstein lecteur de Freud*. Paris : L'Eclat, 1996.

CANY, Bruno. *Fossiles de mémoire: poésie et philosophie d'homère à Jacques Roubaud*. Paris: Hermann, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris : Gallimard, 1966. (Tel).

VUARNET, J.-N. *Le philosophe-artiste*, 10/18, 1977. Reeditado pelas Ed. Léo Scheer em 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig, *Philosophical Investigations*, §108.